

APRESENTAÇÃO

*Ana Lúcia Vulfe Nötzold**

A presente edição dos Cadernos do CEOM, n. 24, acolhe artigos que contemplam a temática "Cultura Material" a partir de diferentes perspectivas, visando contribuir para um melhor entendimento da complexidade das relações que se estabelecem entre as Ciências Sociais quando se discute o tema Cultura.

O conjunto de manifestações que é apresentado como Cultura Material carrega, em seus traços, a história, as peculiaridades e as diversidades de uma determinada localidade, período histórico ou até uma representação de símbolos e signos. Para seu entendimento, enquanto cultura, demanda um conhecimento prévio para que haja a valorização do grupo onde essa manifestação ocorre ou ocorria, ou, então, restringe-se basicamente a registrar as singularidades enquanto manifestação cultural. Esses símbolos, por vezes, são os objetos materiais que, em uma determinada sociedade, representam ou definem uma realidade social.

A transformação da matéria-prima e a produção de objetos, utilizando os recursos disponíveis, são definidos como Cultura Material de um povo. Pela fabricação de utensílios e ornamentos, um determinado grupo humano busca facilitar sua sobrevivência, produzindo as ferramentas e os objetos com criatividade e tendências próprias, com a finalidade de criar, recriar, elaborar ou reelaborar objetos bastante semelhantes. Quando inseridos no cotidiano dessas comunidades, os objetivos têm a função de garantir ou facilitar a sobrevivência a partir da adaptação ao meio natural.

O estudo da Cultura Material circunscreve não apenas a materialidade dos objetos, tais como cerâmica, indumentárias e

*Etno-historiadora, doutora em História pela Université de Poitiers (França), professora adjunta IV do Departamento de História e coordenadora do LABHIN - Laboratório de História Indígena (UFSC)

adornos, monumentos, móveis, máquinas, ferramentas, mas deve examinar também seus usos e desusos, suas apropriações sociais, buscando, nos domínios da vida cotidiana, extrair a significação e a compreensão do social, do político e do econômico.

Este número dos Cadernos do CEOM apresenta 14 artigos, 01 entrevista, 02 resenhas e 03 ensaios. É resultado de exaustivas pesquisas de campo e discussões de cunho teórico-metodológico, buscando auxiliar na formação de historiadoras e historiadores preocupados com o fazer histórico e instrumentalizando-se com novas abordagens.

Johnni Langer e Luiz Fernando Rankel, no artigo *Cultura Material e Civilização: a exposição antropológica de 1882*, discutem a utilização de vestígios arqueológicos como referenciais civilizatórios, baseados nas exposições museológicas da segunda metade do século XIX. Nessa ocasião, raça, progresso e civilização reforçavam a construção da nacionalidade na formação do Segundo Império, com intuito de legitimar algumas especulações acerca da posição em que se encontravam índios, negros e mestiços.

Artesanato Kaingang: entre usos e desusos da cultura material, de Talita Daniel Salvaro, Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi e Ana Lúcia Vulfe Nötzold, apresenta o ensino do artesanato enquanto disciplina curricular na comunidade Kaingang da Terra Indígena Xapecó (SC), chamando para a reflexão acerca das transformações que aconteceram quanto à matéria-prima e à função desses objetos. Por fim, as autoras buscam responder se estas práticas contribuem para a coesão do grupo, interferindo na sua identidade étnica.

Adiles Savoldi, no artigo *Olhares sobre a Terra Indígena Xapecó*, transita nas representações que a população Kaingang está tendo de si e do outro frente aos projetos políticos/educacionais, implementados a partir de meados da década de 90. Utiliza, para a análise, 02 saídas a campo com alunos da UNOCHAPECÓ (2002 e 2004), dos cursos de Geografia e de Serviço Social, palestras dos professores indígenas e impressões dos acadêmicos, buscando analisar a etnicidade na perspectiva do contato.

Dentro do pote de barro: reflexões sobre os enterramentos Guaranis através da sua cultura material. É assim que Letícia Morgana Müller, a partir de estudos arqueológicos, discute as características dos enterramentos realizados na Cultura Guarani durante o período de pré-contato no estado de Santa Catarina.

No quinto artigo, Manoel M. B. Gonzalez aborda a *Utilização de Ferrões de Raias pelos Grupos de Pescadores-Coletores do Litoral de São Paulo* a partir da análise de 300 ferrões de raias encontrados em sete sambaquis do litoral paulista. Analisa as funções principais destes ferrões na cultura material e as espécies mais utilizadas pelos grupos de caçadores-coletores do litoral paulista.

Fátima Faleiros Lopes, em pesquisa sobre o *Patrimônio Cultural na Cidade Moderna e Educação*, demonstra a riqueza patrimonial dos espaços urbanos e dos bens culturais quando utilizados na construção de sentidos na relação memória/história/ensino-aprendizagem.

A Laboriosa domesticação do estranho: uso e consumo de objetos elétricos em Fortaleza (1945-65), de Antonio Luiz Macedo e Silva Filho, discorre sobre os desafios e limites da difusão de aparelhos elétricos em Fortaleza num período de intenso crescimento demográfico. Esses objetos ultrapassam o valor instrumental e são lentamente inseridos no cotidiano das famílias e no universo imaginativo das crianças.

A modernidade e a introdução de novas tecnologias são abordadas por Marco Antônio C. Sávio, não somente como sinônimos de conforto, no artigo intitulado *“Há liras de Orfeu em todos os automóveis”: as feiras automobilísticas e as seduções do automóvel em São Paulo nos anos 20*, mas também como a criação de uma cultura de elite em uma sociedade dominada pela sedução automotiva. Entretanto, o autor enfatiza que esses artefatos técnicos serviram para os arranjos de papéis sociais destinados à construção de identidades e de um projeto para o Brasil, através de uma elite fascinada pelo canto órfico dos automóveis.

A análise de material iconográfico é fonte privilegiada pelos pesquisadores Felipe Matos e Maria Teresa Santos Cunha, no artigo *História e Imagens: o acervo iconográfico de José Boiteux e a memória visual*

de Florianópolis, através de cartões postais e fotografias que buscam evidenciar aspectos da memória urbana.

Evidências da construção de uma sociedade mestiça são percebidas no artigo *Cultura Material Religiosa no Acervo do Museu Anchieta*, quando os autores João Luiz Fukunaga e Silvia Muto problematizam os aldeamentos como espaços de incorporação dos aspectos sócio-culturais e das experiências religiosas nas diferentes representações entre o material e o imaginário, em que se fazem presentes: religiosidade, Estado português, indígenas, missionários e colonos.

As indumentárias, nos mais diversos estilos ou épocas históricas, demonstram singularidades de um povo, não apenas no contexto cultural, mas, sobretudo, no contexto simbólico. São percebidas como marcos identitários pelas autoras Juliana Monteiro e Luzia Gomes Ferreira, em estudo sobre *As Roupas de Crioula no século XIX e o Traje de Beca na Contemporaneidade: uma análise museológica*, quando afirmam que as roupas marcam diferenças entre mulheres negras e brancas da sociedade colonial até os dias atuais, principalmente para um grupo específico de mulheres da sociedade baiana e brasileira.

Os três artigos que encerram essa sessão abordam as construções e produções de espaços de saberes na educação escolar. Jussara Santos Pimenta, em *O Espaço Escolar: Ambiente e Ambiências nas Crônicas da "Página de Educação" (1930-1933)*, problematiza, a partir das crônicas de Cecília Meireles, publicadas na Página de Educação do Diário de Notícias; as inovações introduzidas por Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira na organização do espaço escolar no Distrito Federal Patrícia Coelho, em *Espaços de Leitura*, comenta o uso dos espaços destinados à leitura no Instituto de Educação do Distrito Federal como ambientes reveladores da cultura material escolar da década de 1930, utilizando-se da análise dos espaços ocupados pelo professor de Sociologia Educacional, Carlos Delgado de Carvalho que via a leitura como muito importante para a aprendizagem e entendia que a sala de aula e a biblioteca eram os espaços apropriados para essa atividade.

O material pedagógico na educação paraibana: o livro de leitura no ensino primário, de Fabiana Sena da Silva, discorre sobre a utilização do livro didático, no início da fase republicana, como instrumento da escola brasileira para ensinar aos brasileiros o que era o Brasil através de conteúdos nacionalistas, moralistas e religiosos. A prática escolar estava assegurada nos anseios políticos de uma reforma social capaz de promover a mudança engendrada pelo desenvolvimento econômico e cultural que o país almejava, porém esta mudança deveria ser contida, regrada e vigiada.

A entrevista concedida pelo arqueólogo Pedro Ignacio Schmitz, Coordenador do IAP - Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, à Miriam Carbonera, revela sua trajetória desde 1975, com destaque às pesquisas arqueológicas realizadas no Sul do Brasil, especialmente no Oeste Catarinense. A história de vida do arqueólogo é um pouco da história da arqueologia no Brasil, com suas paixões, dificuldades, limitações, mas, sobretudo, uma história de respeito e de valorização do profissional em relação direta com o seu objeto de estudo.

Seguem-se, ainda, as *resenhas* de Lúcio Menezes Ferreira e de Elizabete Amorim de Almeida Melo que com perspicácia e desenvoltura, apresentam obras que refletem sobre a cultura, a escrita, a história e a literatura.

Finalmente, na sessão de *Expressões e Experimentos*, conta-se com ensaios sobre a VI Semana Cultural realizada no Toldo Chimbangue (SC). Ensaios estes realizados pela equipe do CEOM, uma análise pragmática sobre o surgimento da janela por Luís Fernando Rabello Borges e do poema de André Luiz Onghero que reflete acerca da Vida em nosso tempo.

Boa leitura!!!